

CLUBE DE ASSINANTES DA EDITORA MILFONTES



ETHOS



**OS PERIÓDICOS E A
CRÍTICA DA HISTÓRIA**



Copyright © 2021, Sabrina Magalhães Rocha.

Copyright © 2021, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Curadoria

Aknoton Toczec Souza (UNISECAL) · Alexandre Avelar (UFU)

Arthur Ávila (UFRGS) · Bruno Guimarães (UFOP) · Cíntia Vieira (UFOP)

Cláudia Viscardi (UFJF) · Diogo Silva Corrêa (UVV) · Dirce Solis (UERJ)

Fabiana Fredrigo (UFG) · Fabio Franzini (UNIFESP) · Flávia Varella (UFSC)

Georgia Amitrano (UFU) · Gessica Guimarães (UERJ)

Julio Bentivoglio (UFES) · Karina Anhezini (UNESP FRANCA)

Marcelo Moraes (UERJ) · Marcelo Rangel (UFOP)

Maria Da Glória Oliveira (UFRRJ) · Pablo Ornelas (UVV)

Rafael Haddock-Lobo (UFRJ) · Ueber de Oliveira (UFES) · Valdei Araujo (UFOP)

CARO(A) LEITOR(A)

O livro que aqui apresento é fruto de minha tese de doutorado defendida na UFOP em 2018 e desenvolvida com apoio da CAPES para o período de doutorado sanduíche realizado na França. Mas para entender porque este tema, com esta abordagem, precisamos recuar um pouco mais no tempo. Ainda na graduação, a história intelectual e a língua francesa mostraram-se dois temas de particular interesse. Ali comecei o estudo da língua, de um lado, e de historiografia e teoria da história de outro. O entrecruzamento entre as duas coisas se deu no mestrado, quando, já com alguma condição de elaborar um problema de pesquisa, me propus a estudar a historiografia francesa. E a elas se associaram um terceiro elemento, o interesse pelas polêmicas e pelas disputas historiográficas, ou, ao menos, no que se apresentava como tal. O que se iniciou como um olhar difuso para a teoria da história foi sendo substituído por um crescente interesse pela história da historiografia propriamente dita. E, nesse ponto, as circunstâncias do campo contribuíram sobremaneira. Naquele momento, com grande participação da UFOP, se consolidava um evento anual na área (SNHH), uma revista (HH) e uma sociedade de pesquisadores (SBTHH).

Assim, um estudo que começou com foco teórico-conceitual cedeu espaço para o estudo da recepção propriamente dita, para utilização de fontes arquivísticas, de correspondências, de resenhas, de redes de pesquisadores. Ao longo desse processo observei o quanto se falava de *Annales*, de Bloch, de Febvre, mas quão pouco se produzia de pesquisa histórica a seu respeito.

Interessei-me, cada vez mais, pela ideia de investigar processos de construção e de recepção de livros, afastando-me do ideário do autor como gênio solitário e da recepção natural, e aproximando da ideia da produção, do trabalho e das redes de relações.

A partir dali, observei na historiografia sobre Bloch e Febvre um microcosmo de pesquisa fascinante, que congregava ainda diversos outros temas de interesse: nacionalismo e historiografia, participação dos intelectuais na vida pública, influências das guerras mundiais na disciplina histórica, organização e vivência universitária, formação e consolidação das revistas acadêmicas, construção da crítica historiográfica, recepção da produção historiográfica e construção do cânone.

É com muita alegria que vejo a trajetória deste estudo se ampliar com sua publicação pelo clube *Ethos* da Editora Milfontes. Um formato de coleção que valoriza a rede de leitores e o fomento do debate acadêmico é um espaço privilegiado para um livro como este, porque dialoga intimamente com seus próprios objetos. Desejamos que as leitoras e os leitores possam tirar proveito dessa pesquisa, mas que também possam apontar seus limites. Afinal, como dizia Marc Bloch, é para ser criticados que escrevemos.

SABRINA MAGALHÃES ROCHA

OS PERIÓDICOS E A CRÍTICA DA HISTÓRIA

A recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por
seus contemporâneos (1911-1942)

Coleção ETHOS - Nosso Clube

Volume IX



EDITORA MILFONTES
Vitória, 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Autor: não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Lucas Bispo Fiorezi

Impressão e Acabamento

Maxi Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R672o ROCHA, Sabrina Magalhães.

Os periódicos e a crítica da história: a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942)/ Sabrina Magalhães Rocha. Coleção Ethos - Nosso Clube. Volume 9.

Vitória: Editora Milfontes, 2021.

288 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-86207-65-1

1. Historiografia 2. Annales 3. Periódicos I. Rocha, Sabrina Magalhães
II. Título.

CDD 920.71

Para Clara



Sumário

Prefácio	13
Introdução	19

Parte I

A crítica no âmbito da profissionalização da história

Capítulo I

A cultura do periodismo e a cartografia da recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch.....	37
Revistas e resenhas na construção disciplinar.....	37
“Cartografia” das resenhas sobre Febvre e Bloch.....	59

Parte II

Por uma história geográfica e sociológica

Capítulo 2

Uma tese e uma polémica: a história regional do franco-condado e a terra e a evolução humana (1911-1922).....	73
A História Regional do franco-condado.....	73
A história-geográfica ou a geografia-histórica.....	93

Capítulo 3

História “ <i>tout court</i> ”? Reis e servos e os reis taumaturgos (1920-1924).....	125
Reis e servos: a tese de um historiador promissor	125
Os reis taumaturgos: a História e as fronteiras disciplinares	131
O percurso dos livros.....	149

Parte III

As sínteses da história

Capítulo 4

Problemas para a história rural e a história da estrutura social.....	161
A carreira académica de Marc Bloch na década de 1930	161

As características originais da História Rural Francesa.....	166
A Sociedade Feudal.....	182
A longevidade das obras e as ressignificações das sínteses.....	202

Capítulo 5

Problemas da religião, da fronteira e do intelectual na vida pública.....	207
A religião no século XVI: Martinho Lutero.....	207
O problema da fronteira: O Reno.....	221
O intelectual republicano: a Enciclopédia Francesa e a Annales.....	231
A religião no século XVI: o problema da descrença.....	240
O percurso das obras.....	250
Considerações finais.....	253
Referências.....	261
Apêndice.....	283

PREFÁCIO

Um gesto ascensional: com os “clássicos”, para além deles

Luce (com tristeza). – “Vós também, Barois, eis que sois afetado pelo contágio? Ah, reconheço que vivemos em uma época conturbada! ‘Tu parirás na dor’...”

“Não pronunciastes o grito de guerra atual, mas ele já está em vossos lábios: a falência da ciência... Fórmula cômoda! Uma classe ignorante o repete há dez anos, e a geração mais jovem o adotou, sem revisão; pois é mais fácil afirmar que verificar”... (com orgulho) “Durante este tempo, ela trabalhou, a ciência falida, e sua contribuição está aumentando gradualmente: as teorias que ela havia provisoriamente esboçado, ela as retoca todos os dias, ela as consolida por novas descobertas... Ela avança sem responder – e é ela que terá a última palavra”.

Roger Martin du Gard.¹

No campo da historiografia, Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956) encarnam uma possível continuação dos ideais que caracterizam a maturidade do protagonista de Martin du Gard. Nos anos que se seguem à publicação do romance, marcados por guerras mundiais e pela ascensão de regimes totalitários, eles optam por um trabalho coletivo, sério e criterioso, investindo em novos objetos, métodos e problemas. E como se isso não bastasse, seus ânimos não parecem se refrear com o passar dos anos. Não sem resistências, e sem entrar aqui em seus (de)méritos, Febvre constrói

¹ Roger Martin du Gard. Jean Barois. *In* : *Oeuvres*, t. I. Paris, Gallimard, 1955, p. 524-255. (Tradução nossa).

para si um império dentro da Universidade. Bloch, por seu turno, em um dos momentos mais sombrios da recente história europeia, coloca-se em outro patamar, sacrificando seu único bem inalienável. A elevação de Bloch e de Febvre ao panteão dos historiadores é, assim, um fato incontestado. Goste-se ou não deles e de seus trabalhos, não é exagero dizer que suas estrelas brilham no firmamento da historiografia e continuam a oferecer seus préstimos a quem quer que busque um norte.

Nada mais fiel ao espírito que animou essas trajetórias e essas obras que submetê-las, também, ao escrutínio da crítica. Reatualiza-se, assim, a própria postura que Febvre e Bloch mantiveram frente a seus antecessores e a seus contemporâneos. Heróis, por certo, mas também, e sobretudo, humanos; humanos entre humanos, que participaram à aventura coletiva do conhecimento. O principal mérito do livro que o leitor tem em mãos é certamente esse: ao renovar o estudo de um quinhão importante da tradição disciplinar, ele não se contenta nem com a mera reprodução de mantras sagrados, nem com o desprezo típico dos céticos e dos novidadeiros de plantão. Não se quer aqui transmitir um evangelho, defender a aplicação de conceitos, de métodos e de teorias ao estilo *prêt-à-porter*. Seu objetivo tampouco é condenar os dois ancestrais à luz das modas atuais, o que é sempre uma atitude fácil. Cada historiador, de cada época, foi sempre aquilo que quis ser e, mais, foi aquilo que pôde ser, diante das vicissitudes de seu tempo e das próprias condições de sua existência. O que torna uma disciplina rica é a compreensão dessas possibilidades, visando, justamente, sua elevação, sua ampliação. Ou seja, Sabrina Magalhães Rocha permite a seu leitor voltar a textos e a autores dos quais muito se falou, e que se julga conhecer bem, simplesmente abordando-os a partir de outro caminho, um caminho mais longo, indireto e sinuoso, mas também mais rico.

São duas as pedras angulares do trabalho, nem sempre visíveis e explícitas: as noções de trajetória e de recepção. A trajetória é sobretudo a profissional, embora surjam aqui e ali vislumbres da esfera familiar e dos combates públicos de Febvre e de Bloch. Descobre-se ao longo de suas páginas algo das instituições nas quais os dois historiadores estudaram, o peso

de seus títulos e concursos, a sequência de seus trabalhos e as posições acadêmicas que foram sendo por eles galgadas. Esse fio narrativo está permanentemente escorado na busca por situá-los não apenas um frente ao outro, mas cada um deles frente a seus contemporâneos. Quem se interessou pela produção de Febvre e de Bloch? E, ainda mais importante, como as posições de seus interlocutores, associadas às críticas e aos elogios intelectuais proferidos, puderam impactar na viabilização de suas carreiras? Em outras palavras, o que o presente livro nos convida a fazer é basicamente abandonar uma visada empirista, substancialista, da vida e da obra, que engessa a tradição, pensando-a, ao contrário, nas relações que lhe imprimiram uma dinâmica, que a tensionaram e introjetaram-lhe vida.

A série documental principal, que pavimenta o caminho proposto, é composta por resenhas publicadas em periódicos científicos. Na primeira parte do livro, Sabrina Magalhães Rocha nos mostra o quanto esse gênero aparentemente menor foi fundamental para a profissionalização do trabalho do científico. Escrever resenhas ou ser resenhado, em uma chave não subserviente ou puramente encomiástica, era parte do treinamento obrigatório dos primeiros historiadores profissionais. Para um livro, a resenha era o primeiro teste, inescapável²! O leitor pode ainda acompanhar um panorama da complexificação do espaço editorial, bem como a imbricação de disciplinas que, compartilhando objetos, métodos e interesses, fundiram seus esforços e mantiveram um diálogo aprofundado (em particular, as ciências religiosas, a geografia e a sociologia). Ao final desta parte, encontra-se ainda uma enumeração e uma primeira avaliação de conjunto de todas

2 Quanto distante se está, nesse ponto, do cenário nacional. Como observou João Ohara recentemente, as resenhas brasileiras são um subgênero em que a crítica é quase interdita. Não raro, quando ocorrem, dá-se início uma controvérsia que mais se assemelha a um diálogo de surdos: trocam-se ofensas e se defendem posições. Ver: OHARA, João Rodolfo Munhoz. *Virtudes Epistêmicas na Historiografia Brasileira (1980-1990)*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação da Unesp, Assis, 2017, p. 41-74. E como se isso não bastasse, mesmo revistas recentes que se empenharam por fomentar debates a partir deste gênero tiveram de recuar em função das exigências dos indexadores, cada vez mais dispostos a lucrar com a comercialização de artigos. É de se perguntar como alguém que vem de um sistema tão amador e personalista quanto às resenhas pôde considerar trabalhar com resenhas francesas. Talvez o contraste o explique.

as resenhas trabalhadas. Abre-se assim ao leitor um horizonte novo, para que se possa não apenas reconhecer a importância de certas obras, mas também entender as condições de seus reconhecimentos.

As demais partes do trabalho colocam em cena o cruzamento das trajetórias e a recepção dos trabalhos, seja destacando a cronologia das vidas de Bloch e Febvre, seja privilegiando uma perspectiva temática. Importa destacar a riqueza da costura do material, que é constantemente submetido ao desafio da articulação de tecidos de diferentes texturas. Para cada livro, reconstitui-se algo das suas condições de sua produção – trata-se de uma encomenda, ou de uma exigência ligada exclusivamente à carreira, à obtenção de títulos e de posições? – e de sua recepção. Nos dois casos, descobre-se ainda uma multitude de nomes de historiadores, de geógrafos e de sociólogos hoje, em grande parte, esquecidos, sem os quais as duas trajetórias não são compreensíveis. Os próprios livros e as resenhas, por certo, são o terreno a partir do qual essa reconstrução é possível, mas não só. No corpo do texto e nas notas de rodapé encontram-se arroladas outras fontes, tais como outros livros, artigos, escritos biográficos e autobiográficos, bem como correspondências (algumas ainda inéditas).

Todas as questões são resolvidas? Não. Algumas variáveis poderiam ser melhor exploradas, bem como as fronteiras entre as disciplinas científicas parecem, por vezes, rígidas demais. Em relação ao que se já se tinha, contudo, a imagem proposta é clara, mais sofisticada e mais correta, e é isso o que importa. Novos caminhos foram percorridos; outros tantos, ali indicados, esperam quem os percorra. O que mais se esconde nas linhas e nas entrelinhas dos textos aqui trabalhados? Que outros ângulos de abordagem e documentos ainda podem para ser mobilizados? Aos historiadores e às historiadoras do futuro não faltarão aventuras. A questão, hoje e sempre, é saber em que condições essas jornadas serão empreendidas.

E por falar em condições, importa destacar neste prefácio um derradeiro ponto. Sabrina Magalhães Rocha pertence a uma fração

particularmente ousada das gerações mais jovens de pesquisadores brasileiros. No geral, seus integrantes puderam usufruir de uma infraestrutura relativamente adequada de formação, marcada pela ampliação do sistema universitário, usufruindo de bolsas de estudo nacionais e internacionais. Alguns, contudo, foram além do papel mais cômodo e confortável que é tradicionalmente reservado a brasileiros, a saber, o de importador de métodos e de teorias, que por sua vez são aplicados aos objetos “nativos”. Para tanto, foi preciso enfrentar a maré da alteridade linguística, a atitude protecionista dos grandes sistemas de ensino e de pesquisa, bem como a desconfiança dos mandatários locais, ciosos da manutenção do prestígio de seus próprios objetos. Sabrina Magalhães Rocha não se intimidou com essas dificuldades: ela e alguns de seus contemporâneos quiseram produzir, a partir do Brasil, trabalhos que permitem dialogar criticamente, e de modo menos assimétrico, com as ricas tradições gestadas alhures³. E isso é bom, não apenas porque ajuda a quebrar os muros e a criar pontes entre mundos, mas também porque permite olhar para o Brasil com outros olhos, a partir de outras experiências.

Como se sabe, esse cenário um pouco mais favorável mudou rápida e radicalmente nos últimos anos. Em um país governado por quem pensa que afirmar vale mais que verificar, para quem o próprio conhecimento científico é desacreditado porque não conforta opiniões, a grande preocupação dos profissionais deve ser preservar os esforços já feitos e recompensar, dentre eles, os mais ousados. Auguste Comte (1798-1857), autor importante para Febvre e para Bloch, disse certa vez que existem, no mundo, mais mortos que vivos, e que ambos constituem a “humanidade”⁴. Os

3 Se enumerar é esquecer, cabe aqui ao menos destacar o interessante material produzido no Brasil, nos últimos cinco anos, acerca dos fundadores da revista *Annales*, em particular por YAMASHITA, Jougi Guimarães. Tese (Doutorado em História). *As Guerras de Marc Bloch: Nacionalismo, memória e construção da subjetividade*. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016; e por OSÉS, Mariana Ladeira. Dissertação (Mestrado em História). “Nós, os *Annales*”: Marc Bloch, Lucien Febvre e a produção da Revista dos *Annales*. Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

4 Embora muito conhecida, essa frase é raramente citada na íntegra e com a referência correta. A melhor relação com os mortos, para Comte, é sempre a da emulação, pedagogicamente mais rica. Em seus próprios termos: “*La noble émulation excitée par la glorification continue de nos divers prédécesseurs poussera chacun à mériter*

fantasmas do passado, de fato, habitam o presente, assim como continuarão a habitar o futuro. Diante disso, três atitudes são possíveis: ou se foge deles, tentando exorcizá-los, ou se cultua os mortos, buscando repeti-los, ou então se aprende a conviver com eles, para ir além deles. A derradeira opção é, sem dúvida, a melhor, porque os mortos nos estimulam e seus apoios são sempre bem-vindos, sobretudo quando se trata de enfrentar grandes perigos e de percorrer novas sendas.

Rafael Faraco Benthien
Curitiba, fevereiro de 2021

*aussi cette irrévocable incorporation à l'être immense et éternel [a humanidade] qui se compose beaucoup plus de morts que de vivants". In: COMTE, Auguste. *Système de Politique Positive*. Osnabrück: Otto Zeller, 1967, p. 346 (reimpressão da edição original).*

INTRODUÇÃO

O objeto

Lucien Febvre, ao falar sobre o teólogo Martinho Lutero ou ao dissertar sobre o rio Reno, dizia ser necessário afastar polémicas, lendas, camadas de mitos e interpretações. Guardadas as devidas proporções, no debate contemporâneo, para falar de Febvre e Bloch, precisamos usar os mesmos procedimentos. Esses historiadores clássicos, e talvez exatamente por isso, já não são figuras muito frequentes no debate qualificado da historiografia contemporânea. No entanto, continuam a reverberar, muitas vezes a partir de leituras de “orelhas”, contracapas, fragmentos e textos interpretativos de “segunda mão”. Uma reverberação que se dá no âmbito da historiografia e da cena política, principalmente na França, mas também no Brasil.

Não é raro encontrarmos esses personagens recobertos de mitos, de polémicas e diversas camadas de interpretações sobrepostas. Particularmente Marc Bloch, tornou-se alvo de disputas políticas. Em especial por sua atuação na Resistência contra os nazistas, e sua morte por fuzilamento, sua figura foi investida com componentes de “heroísmo”.¹ Sobretudo a partir da década de 1990, a herança de Marc Bloch de alguma forma foi intensificada não apenas no âmbito intelectual, mas também cívico. O debate, com isso, gira em torno das apropriações de Marc Bloch por diferentes correntes políticas.

¹ Cf. DUMOULIN, O. *La construction d'une figure*. Marc Bloch. Paris: Presses de Sciences Po, 2000.

Episódios bastante recentes ilustram bem esta questão. Na pré-campanha eleitoral de 2015, a deputada da extrema-direita francesa Marion Maréchal-Le Pen (Frente Nacional) lançou mão de trechos da obra de Bloch, retirados do contexto, para referendar posturas nacionalistas e xenófobas. O fato suscitou um manifesto de repúdio por parte de diversos historiadores estudiosos da obra de Marc Bloch, franceses, alemães e italianos.² Alguns meses depois, no Brasil, Marc Bloch foi utilizado como baliza, em editorial do jornal *O Estado de São Paulo*, para desqualificar os historiadores que tratavam o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff como golpe parlamentar. O fato também suscitou resposta, desta vez por parte de um historiador brasileiro em coautoria com a neta de Marc Bloch, jornalista francesa que se aproximou do Brasil por laços familiares.³

A trilha da bibliografia sobre estes historiadores é vasta como a de qualquer clássico, o que torna a tarefa de tentar refazê-la em detalhes inexequível, e mesmo irrelevante. No entanto, nesse trajeto de tão vasto número de obras, com diferentes objetivos, podemos localizar uma espécie de constante. É marcante a preocupação com a construção e a discussão de ideias e conceitos como ruptura, inovação, embate e marginalidade. Em diferentes momentos e comunidades historiográficas, a partir de propósitos distintos, a identificação desses autores com a qualificação de inovadores, revolucionários e combatentes deu a tônica dos debates na historiografia.⁴

2 Cf. SCHÖTTLER, Peter. Marc Bloch est-il soluble dans le front national? *Hypotheses*, 2015. Disponível em: <https://crheh.hypotheses.org/939>. Interessante registrar que o manifesto de repúdio foi oferecido aos jornais *Le Monde*, *Mediapart* e *Le Figaro*, que não se interessaram em publicá-lo. O texto foi encontrar abrigo na imprensa alemã, no maior jornal de perfil liberal-conservador do país, o *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. Cf. ALTWEGG, Jürg. Die Le Pens nehmen die Kultur in die Zange. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 2015. Disponível em: <http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/debatten/frankreichs-kultur-im-zangengriff-der-le-pens-13953557.html?GEPC=s5>.

3 Cf. BLOCH, S.; NICOLAZZI, F. Carta aberta ao Estado de São Paulo, em resposta ao editorial de 14 de junho de 2016. In: MATTOS, H.; BESSONE, T.; MAMIGONIAN, B. *Historiadores pela democracia: o golpe de 2016 e a força do passado*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2016.

4 Cf. por exemplo, BURKE, P. *A Escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997; BURGUIÈRE, A. Histoire d'une histoire: la naissance des Annales. In: CLARK, S. (org.). *The Annales School Critical Assessments*. London: Routledge, 1999; LE GOFF, J. A história nova. In: CHARTIER, R.; LE GOFF,

Um olhar mais atento demonstra que a discussão foi frequentemente orientada por interpretações e rótulos que não permearam o contexto de produção das obras. São diálogos construídos *a posteriori*, que marcam a recepção já na segunda metade do século XX. Não encontramos nessas investigações indícios que nos orientem sobre como os historiadores contemporâneos a Febvre e Bloch reagiram a seus projetos, se os conceberam como ruptura com as práticas que desenvolviam, se reconheceram-nos como inovadores. A literatura disponível apresenta-nos interpretações que pouco dizem sobre as formas pelas quais os trabalhos de Febvre e Bloch foram lidos entre 1920 e 1940, momento em que se concentra a maior parte de sua produção.⁵ Diante dessa constatação, identificar a comunidade de leitores contemporâneos e conhecer seus principais pontos de interesse se tornou o objetivo central desta investigação.

De alguma forma, e apesar de circunscrever um objeto específico, nossa investigação trabalha com um leque de problemas amplo. Ela discute a recepção de pelo menos nove livros, de dois autores diferentes, produzidos ao longo de três décadas, que tem como objeto temporalidades absolutamente distintas, da Idade Média à Idade Moderna. Assim, não se pretendeu e não foi feita uma análise minuciosa no que tange às reflexões sobre o desenvolvimento específico da pesquisa em história medieval ou em história moderna, algo que apenas especialistas nestas áreas poderiam fazer. O leitor não encontrará aqui, para ficar em um exemplo, o esmiuçar de como determinado livro contribuiu para o desenvolvimento da história agrária e todos seus impactos neste campo. Portanto, ausências e possíveis incorreções sobre estes aspectos são plenamente assumidas e reconhecidas por esta autora.

J.; REVEL, J. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005; REVEL, J. Histoire et sciences sociales: les paradigmes des Annales. *Annales: économies, sociétés, civilisations*, Paris, v. 34, n. 6, p. 1360-1376, nov-dez/1979; REIS, J.C. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

5 No caso de Marc Bloch, uma exceção é um capítulo de Olivier Dumoulin. Ainda que em um texto curto, pois parte de um conjunto maior dedicado à vida e obra de Bloch, Dumoulin discute a recepção do historiador entre seus pares. Cf. DUMOULIN, O. Marc Bloch, leur contemporains: le regard de pairs. In: DUMOULIN, O. *Marc Bloch*. Paris: Presses de Sciences Po, 2000, p. 51-80.

É possível que, sob determinado olhar, este recorte possa ser visto como ousado, sob outro, como simplificador. No entanto, o que nos trouxe a convicção de que a proposta poderia ficar bem ancorada foi a clareza sobre o que poderíamos fazer, no âmbito da história da historiografia. E, ainda, a certeza sobre o quanto avaliar a recepção de um conjunto e não apenas de uma obra poderia contribuir para conhecer melhor um tema ainda pouco explorado, não apenas no Brasil, mas também entre os franceses. Deixemos para os leitores a tarefa de avaliar se esta visão panorâmica de fato contribuiu para iluminar ou apenas simplificou em demasia as análises.

Evidentemente, para falar de recepção e de crítica temos muitos caminhos metodológicos possíveis. Pode-se investigar, por exemplo, perspectivas de audiência ou mesmo de influência, dados como número de obras vendidas, locais de circulação das obras ou sua influência sobre outros estudos. A abordagem desenvolvida aqui prioriza um procedimento metodológico específico, a análise das resenhas publicadas - principalmente em revistas acadêmicas de ciências humanas, mas não apenas - sobre as obras de Lucien Febvre e Marc Bloch entre 1911 e 1942. O marco inicial dessa periodização foi definido pela publicação do primeiro livro de Febvre, que corresponde à sua tese de doutorado. Já o marco final se deve a duas razões principais: o falecimento de Marc Bloch em 1944 e a mudança expressiva na configuração das revistas acadêmicas no pós-guerra. Avançar para além de 1944 nos conduziria a cenários acadêmicos, editoriais e mesmo políticos bastante distintos, impondo novos elementos para a análise e ampliando, aí sim em demasia, o escopo originalmente traçado.

Recepção pelas resenhas

Particularmente a partir dos anos 1970, as disciplinas que têm textos como seu objeto de investigação convivem com o resgate do leitor e do intérprete como figuras de proeminência e relevância para suas análises. Por diferentes domínios, como uma sociologia histórica da leitura, que busca identificar por que se lê esta ou aquela

obra, quem lê, quando, onde⁶; ou pela estética da recepção, que se propõe, entre outras coisas, a analisar as diferentes interpretações de uma obra ao longo do tempo, apresenta-se uma centralidade no leitor. Para quaisquer dessas abordagens, seja no âmbito da historiografia, seja no âmbito da crítica e da teoria literária, as resenhas vêm sendo utilizadas como fontes fundamentais.⁷

Enquanto gênero textual as resenhas definem-se basicamente como um enunciado crítico de uma nova produção científica ou artística. Nesse sentido, elas podem apontar para a circulação de obras e autores e para diversos aspectos de sua recepção. Compreendida sob esse prisma, a resenha é certamente uma fonte importante para os historiadores que estudam diferentes manifestações culturais e científico-acadêmicas, da literatura, teatro e cinema à própria escrita da história. Para os interessados na observação da recepção de obras de história ou de historiadores, de elementos como obras lidas por determinado autor, circulação de livros e autores em determinado contexto, esse gênero textual revela-se uma fonte privilegiada.

O trabalho com resenhas não é uma perspectiva de investigação que podemos tratar como nova ou pouco desenvolvida no terreno da historiografia. Ao contrário, nos mais diversos campos da disciplina as resenhas são fontes correntemente utilizadas. A discussão desenvolvida aqui, contudo, trabalha a resenha sob uma perspectiva distinta e, ao que nos parece, ainda pouco explorada. Assim como as revistas, que são seus suportes, o tratamento das resenhas como objeto de pesquisa em si, e não apenas como fonte que permite acessar outro objeto é ainda pouco desenvolvido. Olivier Corpet, tratando não apenas das revistas de história, mas de revistas em sentido amplo, aponta que sua história está dispersa nas páginas de história da literatura, da imprensa ou da edição, não se constituindo ainda como um foco específico de análise.⁸

6 Cf., por exemplo, CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII*. 2. ed. Brasília: UNB, 1998.

7 Cf., por exemplo, LIMA, L. (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

8 CORPET, O. Avant-propos. In: PLUET-DESPATIN, J; LEYMARIE, M;

Aqui buscamos pensar a resenha não apenas como fonte, mas como o próprio tema de investigação. Tomar resenhas como objeto de pesquisa histórica tem como prerrogativa o reconhecimento de sua historicidade, da diferenciação de suas formas, funções e significados em diferentes contextos. Essa escolha específica de estudá-las entre tantas possibilidades para estudar processos de recepção não é aleatória. Ela está fundada, como se observará no primeiro capítulo, na relevância que o veículo “revista acadêmica” e o tipo textual “resenha” possuíram no próprio contexto de produção de Marc Bloch e Lucien Febvre.

Em sua obra *A escrita da história*, publicada ainda na década de 1970, Michel de Certeau habilitou o leitor do livro de história como uma instância significativa para a análise, e definiu a particularidade desse leitor.

O público não é o verdadeiro destinatário de um livro de história, mesmo que seja seu suporte financeiro e moral. Como o aluno de outrora falava à classe tendo por detrás dele seu mestre, uma obra é menos cotada por seus compradores do que por seus ‘pares’ e seus ‘colegas’, que a apreciam segundo critérios científicos diferentes daqueles do público e decisivos para o autor, desde que ele pretenda fazer uma obra historiográfica. Existem as leis do meio. Elas organizam uma ‘polícia’ do ‘trabalho’. Não ‘recebido’ pelo grupo, o livro cairá na categoria de ‘vulgarização’, que considerada com maior ou menor simpatia, não poderia definir um estudo como ‘historiográfico’.⁹

Não se trata de um leitor comum, de um público amplo; os destinatários dos textos historiográficos, segundo Certeau, são os pares, a comunidade acadêmica que os julga e avalia segundo critérios específicos. A resenha pode então ser vista como um dos elementos em que se materializa essa avaliação, em que se proclama o julgamento dos pares. O autor da resenha coloca um pilar na construção da legitimação ou não da obra. Essa interpretação oferecida por Certeau se mostra produtiva para situações bastante específicas, e não pode ser aplicada para resenhas sobre obras de história em todo e qualquer tempo e lugar. Particularmente para

MOLLIER, J. (org.). *La belle époque des revues - 1880-1914*. Paris: Éditions de l'IMEC, 2002, p. 7.

9 CERTEAU, M. *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 72.

o objeto deste livro, definido em um momento no qual a história se constrói e se define como um conhecimento profissionalizado no interior das ciências humanas e institucionalizado em universidades, ela parece ser muito produtiva.¹⁰

Por outro lado, se a resenha comporta essa dimensão de controle disciplinar, de institucionalização da obra no seio da historiografia, ela certamente não pode ser reduzida a isso. Ao falar em resenha estamos sempre tratando de um texto enunciativo de outro texto. Estamos, em alguma medida, falando de uma leitura. Na revista *Annales d'histoire économique et sociale* de 1936, Febvre refletiu sobre as funções da crítica e expôs sua compreensão da crítica produzida nas resenhas nos seguintes termos:

Nós não podemos compreender sem crítica: de acordo. Mas a crítica não é feita para julgar os homens, ou mesmo os livros: quem os julgaria? Ela é feita para tornar mais inteligente aquele que lê.¹¹

Esse enunciado de Febvre abre caminho para a compreensão de que esse texto, que pode ser visto como “secundário”, particularmente no contexto que discutimos aqui, da historiografia francesa nos anos 1920 e 1930, foi bem mais que isso. A resenha se configurou nesse momento como importante espaço de reflexão sobre a história, como um elemento propositivo dos desenvolvimentos da historiografia. Com um formato muito distinto dos tratados de teoria e metodologia, pois aborda obras específicas, em textos curtos, ela também promoveu uma reflexão que apontou problemas e possibilidades para a disciplina. É evidente sua potencialidade de abrir novas direções, de suscitar novas pesquisas e, com isso, produzir intervenções significativas não apenas na leitura de uma obra, mas também na produção de novas obras. Está-se tratando aqui, portanto, do trabalho dos

10 Para o início do processo de profissionalização da história na França, Cf. DOSSE, F. A identidade nacional como forma organizadora do discurso histórico. In: *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Unesp, 2001.

11 Tradução da autora. No original: “On ne peu comprendre sans critique: d'accord. Mais la critique n'est pas faite pour juger des hommes: qui donc jugerait? elle est faite pour rendre plus intelligent celui qui lit”. FEBVRE, L. Pro domo nostra: à quoi sert la critique? *Annales d'histoire économique et sociale*, VIII, p. 54-56, 1936.

textos historiográficos uns sobre os outros, em uma perspectiva em que escrita e leitura são inseparáveis e se geram mutuamente.¹²

A compreensão de que a resenha se constitui de determinada forma em um contexto de uma historiografia especializada pressupõe que ela represente outras funções, possua outras características em contextos distintos. Nosso pressuposto é o de que as resenhas assumem formas, métodos, sujeitos de produção, funções e espaço de divulgação específicos em cada contexto. De tal forma, que o trabalho do historiador que as analisar como objeto da história da historiografia seria menos o de enunciar sua formulação geral no âmbito da disciplina, menos de buscar definir seus significados em sentido abstrato e mais de investigar seus processos de composição no interior de cada comunidade, de cada revista, de cada período.

Construção do banco de dados

A proposta de trabalhar com as resenhas¹³ publicadas sobre obras de Lucien Febvre e Marc Bloch impunha a necessidade de organizá-las, considerando que em nossas pesquisas não encontramos nada semelhante às listas já disponíveis sobre as resenhas publicadas por estes autores.¹⁴ Para criar este mapeamento, o primeiro passo deveria ser a definição de elementos que orientariam a busca. O marco temporal da pesquisa sedimentou a primeira premissa, levantar resenhas que versassem sobre todos os livros publicados por Febvre e Bloch, do lançamento até 1944,

¹² CERTEAU, M. *L'absent de l'histoire*. Paris: Mame, 1973, p. 172, apud MÜLLER, B. *Lucien Febvre, lecteur et critique*. Paris: Albin Michel, 2003, p.16.

¹³ Para esta tese, não consideramos relevante separar os textos que se apresentavam como resenhas daqueles que se intitulavam “notas de leitura” ou similares. O conceito “resenha” foi utilizado para todos os textos crítico-analíticos dedicados a analisar uma obra. Isso é importante para acompanharmos o significado que o conceito “*compte-rendu*” guardava naquele momento. O padrão de resenhas científicas, sobretudo a partir da *Revue critique d'histoire et littérature*, estabeleceu parâmetros mínimos como apresentação de resumos e avaliação da relevância da obra para o conjunto do campo. No entanto, não fixou, por exemplo, observações sobre o tamanho dos textos, de forma que uma nota de meia página ou um texto de dez, recebiam ambos a alcunha de “*compte rendu*”. O mesmo procedimento foi adotado por Bertand Müller em sua tese dedicada às resenhas publicadas por Lucien Febvre. Cf. MÜLLER, B. *Lucien Febvre... Op. cit.*

¹⁴ Cf. MÜLLER, B. *Bibliographie des travaux de Lucien Febvre*. Paris: Armand Colin, 1990; BLOCH, M. *Mélanges historiques*. Tome II. Paris: S. E. V. P. E. N, 1963.

Para o parâmetro “onde”, ou seja, em quais revistas realizar o levantamento, inicialmente circunscrevemos um conjunto particular de revistas acadêmicas de ciências humanas de grande relevância nas primeiras décadas do século XX. Uma revista alemã, a *Historische Zeitschrift*, uma inglesa, a *English Historical Review* e as francesas *Annales d'histoire économique et sociale*, *Revue historique*, *Revue de synthèse*, *Revue d'histoire moderne et contemporaine* e *Revue critique d'histoire et littérature*, *L'Année Sociologique* e *Annales de géographie*. Para esses periódicos, foi realizada uma busca intensiva, com consulta individualizada. Percorreu-se não somente os mecanismos de busca de dos portais que disponibilizam esses periódicos, mas também *indexes* anuais, plurianuais e sumários de cada número, com confrontação, quando necessário, nos volumes físicos. Portanto, tem-se um critério de checagem mais apurado, que nos permite falar com maior segurança da presença efetiva das obras de Bloch e Febvre em cada um desses títulos individualmente.

Os primeiros contatos com as fontes e os diálogos com outros pesquisadores, no entanto, foram demonstrando que esta perspectiva que pré-definia as revistas a serem pesquisadas mostrava grandes limitações. Principalmente porque excluiria algumas resenhas já localizadas por outros historiadores, o que acontecia particularmente no caso de Marc Bloch. Desta forma, e considerando que as ferramentas tecnológicas disponíveis permitiriam um tipo de busca bem mais ampliado, que ainda não havia sido produzido sobre esses autores, o escopo da primeira seleção de periódicos foi alterado.¹⁵ A decisão foi então por incorporar o maior número possível de resenhas, principalmente para o contexto francês.

A segunda circunscrição de periódicos tem, assim, uma função distinta da primeira. Seu objetivo não é permitir apontamentos específicos sobre a presença dos autores em um periódico específico, mas apresentar uma configuração geral do

¹⁵ Com sua larga experiência com as resenhas publicadas por Lucien Febvre, Bertrand Müller foi o primeiro a nos sugerir e encorajar que esta busca panorâmica, que ainda não havia sido feita, teria relevância por si só, pois abriria novas perspectivas sobre a história da recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch.

conjunto. Para esta construção utilizou-se a plataforma virtual *Persée*, que congrega diversas revistas desde o começo do século XX, e o principal catálogo de periódicos *online* disponível na França para o período, a plataforma *Gallica* da Biblioteca Nacional francesa. Associado a essa expansão significativa do tipo de busca, deliberou-se também por não restringir a análise às revistas acadêmicas. Diante da ausência de publicações que oferecessem esse mapeamento mais geral sobre qual foi o alcance da obra de Bloch e Febvre para além da academia, essa expansão para quaisquer tipos de periódicos poderia se mostrar interessante.

Desta forma, adotamos os seguintes critérios para lançar as buscas nos portais: seleção do tipo “imprensa e revistas”, em até três anos após a data de publicação original, com a chave de busca “Bloch” ou “Febvre”, conforme a obra em questão. Os resultados das buscas ofereciam, evidentemente, diversos números de periódicos, ora pela mera citação dos autores em algum artigo, ora pela referência a outro autor, sobretudo no caso de Bloch, que também trazia resultados para Jules Bloch, Camille Bloch, entre outros. Esse processo demandou longa seleção manual, na diferenciação do que efetivamente se tratava de resenha. Em uma última etapa de construção desse banco de dados, foram incorporadas ainda resenhas citadas ou conservadas por Marc Bloch e Lucien Febvre em seus arquivos pessoais¹⁶, e que ainda não haviam sido localizadas em nenhum dos dois tipos de busca já mencionados.

O resultado dessa investigação foi a composição de um banco de dados com 164 resenhas, publicadas por 125 autores distintos, em 75 periódicos. Desse total, 95 resenhas são dedicadas a Lucien Febvre e 74 a Marc Bloch. Ainda que amplo, esse banco de dados certamente não comporta todas as resenhas publicadas no período estudado. Embora um portal como a *Gallica* compreenda

¹⁶ O levantamento dos arquivos pessoais foi feito nos fundos “Marc Bloch” e “Lucien Febvre” dos *Archives Nationales*, sediados na França, entre janeiro e abril de 2016. O fundo Marc Bloch encontrava-se na unidade sede do arquivo, Pierrefite-sur-Seine, e o fundo Febvre, em processo de catalogação, estava alocado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris. Agradeço à CAPES, pela bolsa de doutorado-sanduíche (PDSE) que permitiu a realização deste trabalho na França, e aos detentores de direito e curadores dos fundos Bloch e Febvre pela oportunidade de consultá-los.

um número importante de periódicos, ele não dispõe de todos os periódicos publicados na França na primeira metade do século XX. Além do que, por vezes o periódico está disponível, mas não em sua integralidade, faltando números ou volumes de determinada coleção. Há ainda o fato de que a busca é realizada pela presença da palavra “Bloch” ou “Febvre” no texto ou no índice, portanto, caso a resenha não esteja explicitada no índice ou caso o periódico não tenha sido digitalizado como texto, os resultados não seriam localizados.

Essas ponderações sobre a construção do banco de dados, por mais que possam parecer meramente técnicas, precisam ser claramente explicitadas. Ao optar por uma busca panorâmica, não alimentamos a pretensão de atingir a totalidade das resenhas publicadas sobre a obras. É importante que isto fique bastante claro para o leitor. Aqui não está estabelecido o quadro definitivo do conjunto de resenhas produzidas sobre Lucien Febvre e Marc Bloch. Trata-se, sim, de um conjunto expressivo, mas que certamente comporta lacunas que poderão ser suplantadas por trabalhos futuros.

Formas de leitura das resenhas

Partindo desse pressuposto de tratar a resenha como um objeto de pesquisa no sentido pleno, nossa leitura associou a interpretação de seus conteúdos com a investigação de uma série de outras variáveis. Sérgio da Mata discute o problema da hermenêutica e define bem como a história da historiografia, particularmente aquela que pretende trabalhar com recepção, não pode se restringir à pura interpretação do texto, não pode prescindir da investigação:

Minha intenção não é em absoluto diminuir a importância dessa tradição e desse método. Trata-se, simplesmente, de reconhecer o potencial da hermenêutica ao mesmo tempo em que adquirimos alguma clareza a respeito de seus limites. [...] Sou historiador, e para mim a definição do método histórico feita por Johann Gustav Droysen mantém-se válida: o historiador, diz ele em sua *Historik* de 1857, ‘compreende pesquisando’ (Droysen, 2009, p. 38). Significa dizer: a tarefa da interpretação não pode

ser abandonada, ela está no cerne do nosso trabalho. Mas falamos aqui de uma interpretação que se obtém à custa da investigação, que não pode prescindir da investigação, que é filha legítima da investigação (historic).¹⁷

Com todas as lacunas e limitações, buscamos aqui associar investigação e interpretação. No âmbito do conteúdo do texto propriamente dito, as principais chaves que orientaram a pesquisa foram os aspectos dos livros mais ressaltados de maneira positiva e negativa por cada um dos resenhistas. Intentando, ainda, encontrar pontos comuns às diferentes resenhas sobre uma mesma obra. Particularmente, procuramos interpretar quais aspectos essas resenhas destacaram como inovações, como rupturas ante uma literatura já estabelecida.

Uma questão que se mostrou evidente desde o primeiro contato com as fontes foi a própria mobilização do conceito de inovação. O verbete “*inovation*”, que passou a ser mobilizado pela literatura sobre a “*École des Annales*” na segunda metade do século XX, dentro e fora da França, como apontado acima, não está presente no conjunto das fontes aqui estudadas. Ele não faz parte do léxico mobilizado pelos resenhistas contemporâneos de Marc Bloch e Lucien Febvre.

Essa ausência, em nossa avaliação, está associada a uma diferença de interpretação das obras em diferentes contextos. O verbete “inovação” não foi explorado não só porque a visão individual de cada obra não levou os resenhistas a essa conclusão, mas principalmente porque o próprio conceito de inovação, associado a mudança de um paradigma na disciplina, a uma ruptura, não era corrente no âmbito da crítica historiográfica. Em outros termos, “inovação” não foi mobilizada para qualificar as obras de Bloch e Febvre, assim como, naquele contexto, não era utilizada para qualificar outros historiadores.

Hermann Lübbe nos mostra como inovação tornou-se um conceito absolutamente central em nosso mundo contemporâneo,

¹⁷ MATA, S. Considerações anti-hermenêuticas em torno da recepção de Max Weber no Brasil. In: SENEDA, C. CUSTODIO, H. *Max Weber: religião, valores, teoria do conhecimento*. Uberlândia: EDUFU, 2016, p. 94-95.

em uma dinâmica de complementaridade à também central ideia de historicização. Centralidade que foi sendo construída e intensificada sobretudo no pós Segunda Guerra, nos mais diversos âmbitos, das ciências às artes, da economia à política. Na reflexão sobre as ciências e suas tecnologias, por exemplo, o conceito de inovação em grande medida suplantou os conceitos de progresso e evolução. Tornou-se de tal forma popular que, principalmente a partir dos anos 1970, se assistiu à constituição de uma especialidade disciplinar, ligada principalmente à investigação das “inovações tecnológicas”.¹⁸

Em nossa avaliação, a historiografia não pode ser vista fora desse cenário, a presença marcante da ideia de inovação se fez sentir também neste campo. O conceito passou a ser utilizado por alguns historiadores para descrever não apenas “inovações tecnológicas”, mas o desenvolvimento de sua própria disciplina. Os estudos sobre os *Annales* que deram grande destaque à sua inovação historiográfica - principalmente em livros que não se dedicavam a fazer uma análise densa das obras, mas sim a produzir balanços¹⁹ - podem ser, neste sentido, compreendidos como fruto desse momento específico.

Feita esta constatação, buscou-se apreender, ante a ausência do termo, quais ideias - que compõem o léxico do conceito de inovação, ainda que não o representem tal como entendemos contemporaneamente - poderiam ser evocadas nas resenhas produzidas pelos contemporâneos de Marc Bloch e Lucien Febvre. Assim, descortinaram-se particularmente duas ideias: originalidade, que se expressa nos textos por “*original*”, e novidade, expresso por “*nouveau*”. Esses dois verbetes aparecem em diversas das resenhas e são utilizados para qualificar os mais diversos aspectos dos livros: as fontes documentais consultadas; a bibliografia utilizada; a forma de organização do conteúdo e até mesmo o estilo de escrita.

18 Cf. LÜBBE, H. Esquecimento e historicização da memória. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 29, n. 57, p. 285-300, janeiro-abril, 2016; GODIN, B. “Innovation Studies”: The Invention of a Specialty. *Minerva*. December 2012, v. 50, n. 4, p. 397-421.

19 Cf., por exemplo, BURKE, P. *A Escola dos Annales...* Op. cit.; LE GOFF, J. *A história nova...* Op. cit.; REIS, J. C. *Escola dos Annales...* Op. cit.

Outra dimensão da investigação, indispensável à melhor interpretação das resenhas, associou uma série de variáveis. A primeira diz respeito às condições de produção e publicação dos livros de Febvre e Bloch, que, como será demonstrado, influenciam sobremaneira sua recepção por meio das resenhas. As demais variáveis correspondem às características editoriais dos periódicos em que as resenhas foram publicadas; qualificação dos autores das resenhas; relações dos autores das resenhas com os autores dos livros; motivações para a redação das resenhas; reações dos autores das obras às resenhas. Essa exploração foi feita principalmente a partir de correspondências publicadas e outros materiais dos arquivos de Lucien Febvre e Marc Bloch. Além de dicionários, catálogos de bibliotecas e outras fontes bibliográficas, particularmente devotadas ao estudo de periódicos.

O resultado deste trabalho está aqui condensado e apresentado em cinco capítulos, divididos em três partes. A primeira parte, que compreende o primeiro capítulo, é dedicada à reflexão sobre a crítica no âmbito da profissionalização da história. Na primeira seção deste capítulo discute-se o papel das revistas e das resenhas na construção disciplinar, entre 1870 e 1940. A segunda seção é dedicada ao que chamamos de “cartografia” da recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch. E apresenta ainda um panorama analítico geral - mais quantitativo - das resenhas, demonstrando, por exemplo, tipos de periódicos, áreas de conhecimento e autores mais frequentes.

A parte II, intitulada “Por uma história geográfica e sociológica” é dedicada à análise da recepção das “obras de juventude” dos historiadores, que coincidem com o período de pré-fundação das revistas *Annales d'histoire économique et sociale*. O capítulo 2 trata das obras de Febvre publicadas entre 1911 e 1922, com destaque para *Phillipe II e o Franco Condado* e *A Terra e a Evolução Humana*. O capítulo 3 traz as duas obras de Marc Bloch de 1920 e 1924, *Reis e Servos* e *Os Reis Taumaturgos*, respectivamente. A terceira e última parte, “As sínteses da história”, aborda, no capítulo 4, as duas últimas obras de Marc Bloch publicadas em vida, *As características originais da história rural francesa* e *A sociedade*

feudal. Por fim, o capítulo 5 retrata as três obras publicadas por Lucien Febvre entre 1928 e 1942, *Martinho Lutero, um destino*, *O Reno* e *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*.





PARTE I

A CRÍTICA NO ÂMBITO DA PROFISSIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA

